

blackout

simon scarrow

Tradução de Jorge Colaço

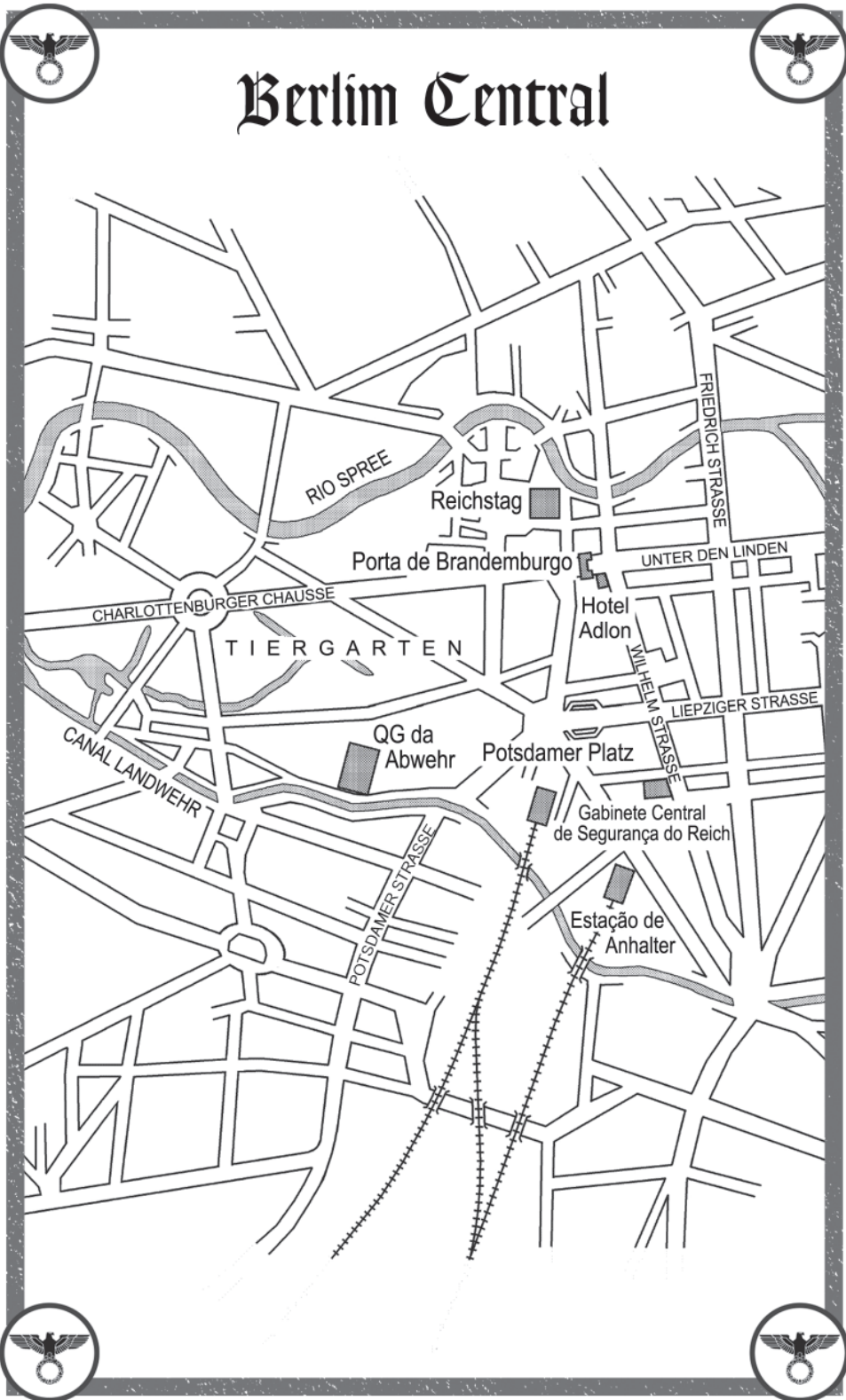


SAÍDA DE EMERGÊNCIA
livros para fugir da rotina

*Für meinen guten
Freund Peter Krämer*

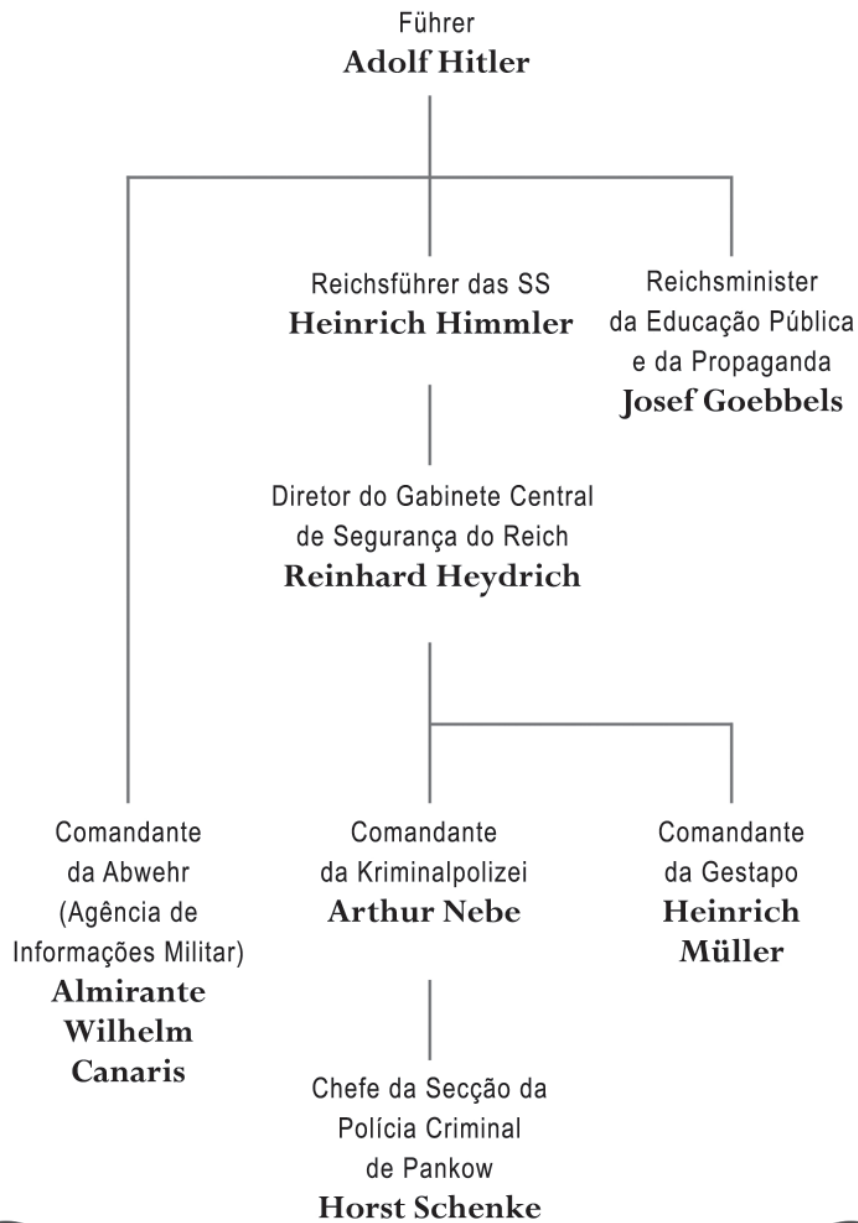


Berlim Central





Cadeia de Comando





Prólogo

Berlim, 19 de dezembro de 1939

A festa de Natal não começara havia muito quando Gerda Korzeny e o seu acompanhante chegaram, às oito e meia, naquela noite. A camada de neve era alta e eles sacudiram o gelo das botas antes de entrar no átrio e entregar os casacos e gorros de pelo a uma criada. Gerda descalçou as botas e colocou-as junta à porta antes de tirar do saco uns sapatos de salto Luís XIV que trouxera com ela e de os calçar. Examinou-se num espelho na parede do átrio. Alisando o seu vestido de noite, ergueu a mão e, com as pontas dos dedos, ajustou levemente o cabelo castanho. Reparou no sorriso do companheiro atrás dela e fez beicinho.

— Está melhor — disse ela. — Sinto-me mais humana agora.

Ele sorriu e pegou-lhe no cotovelo quando se aproximou e se pôs a seu lado. As suas botas negras rebrilhavam e, no seu uniforme cuidadosamente engomado, delineava uma figura impressionante.

— Formamos um lindo par — disse ela, erguendo uma mão enluvada para lhe acariciar o queixo. — É pena não sermos casados. Um com o outro, pelo menos.

O sorriso dele desvaneceu-se e guiou-a através do grande salão que se seguia. Pelo menos metade dos convidados já tinha chegado; mais de uma centena de pessoas da alta sociedade da capital aglomerava-se em grupos por baixo dos lustres resplandecentes que iluminavam o volumoso espaço. Empregados de jaqueta branca e empregadas de avental levando na mão bandejas com taças de champanhe deslocavam-se de grupo em grupo.

As conversas e os risos ecoavam nas paredes altas enquanto Gerda esquadrihava a multidão à procura de rostos familiares. Havia gente da indústria do cinema que ela conhecia dos seus anos de estrela do estúdio

da UFA. Alguns eram atores, como Emil Jannings, o homem corpulento com a testa alta que rugia com riso. Havia também alguns realizadores que ela reconhecia, bem como produtores, argumentistas e compositores. Infelizmente, muitos dos rostos mais familiares tinham emigrado há muito. A maioria para Hollywood, e alguns para outras nações europeias, onde era menos provável que a sua política ou religião os metessem em sarilhos com as autoridades.

Além das pessoas do cinema, havia artistas e escritores, figuras de proa do mundo do desporto e aqueles alemães ricos que desempenhavam o papel de seus patronos, tal como o Conde Harstein, em tempos um apoiante da equipa de carros de corrida Silver Arrows. Havia também muitos convidados com uniformes do exército, da marinha e da força aérea, bem como os representantes dos ramos do partido governante. Um destes últimos, um oficial das SS¹, desviou o olhar com uma expressão de frieza.

Gerda virou-se para o seu companheiro e murmurou:

— Meu Deus, aquela criatura oleosa do Fegelein está cá. Faz-me um favor, mantém-no longe de mim.

— Porquê?

— Porque, meu querido Oberst Karl Dorner, ele é um hipócrita odioso que me acusará de enganar o meu marido num momento e tentará seduzir-me no momento seguinte. Preferia não ter de o aturar esta noite.

— O que queres que eu faça acerca disso?

— Se ele me causar algum embaraço, espero que te comportes de forma galante e lhe chegues a roupa ao pelo.

— Não estou certo de que fosse sensato um oficial do exército dar um soco num dos favoritos de Himmler.

— Então pensa nisso como um cavalheiro que dá uma lição a um arrivista sem escrúpulos.

— Houve um tempo em que o faria alegremente — respondeu Dorner.

— Mas os arrivistas governam a Alemanha e não estão dispostos a permitir que os que não o são o esqueçam. Mas farei o que puder para o manter ocupado.

Gerda sorriu.

— É só por uma hora ou coisa assim. Depois podemos ir-nos embora. Tenho a chave do apartamento de um amigo. Ele não voltará para Berlim até ao novo ano, por isso o resto da noite será só para nós.

O oficial sorriu ao pegar-lhe na mão e beijá-la.

¹ Sigla referente a *Schutzstaffel*: forças paramilitares e policiais nazis. (N. de T.)

— Ficarei à espera disso ansiosamente. — Sentiu-a estremecer sob o seu toque.

— Não gostarias de estar comigo todas as noites, meu amor? — Ela falou muito suavemente para que apenas ele pudesse ouvir. — Não merecemos essa felicidade?

Ele suspirou.

— Já falámos sobre isso. Já te disse que não me vou divorciar da minha mulher até poder ter recursos para isso. Se deixares aquele idiota com quem estás casada, ele não te dará nada. Do que achas que viveríamos então? Hein?

Ela fitou-o.

— Ter-nos-emos um ao outro. Isso não te basta?

— Não. Não basta. E certamente também não te basta a ti. Não com os teus gostos. Por isso, porque não deixarmos as coisas como estão e tirarmos partido do que realmente temos?

— Mas eu quero mais do que uma ou outra noite ou tarde contigo. Quero-te. A única coisa que sou para ti é uma boa foda. Não é verdade?

Ele gelou, e depois sorriu friamente.

— Talvez nem sequer isso sejas. Mas pelo menos és uma foda fácil.

— Filho da mãe. — Afastou-se dele. — Achas que és o único homem que me quer? Vais ver.

Foi até junto de um grupo de convidados da indústria cinematográfica e o rosto iluminou-se-lhe num brilhante sorriso ao exclamar em jeito de saudação:

— Leni!

Uma mulher vestida de fato, com cabelo escuro pelo ombro e feições masculinas, sorriu-lhe em resposta e abriu os braços para acolher a recém-chegada. Trocaram beijos antes de Gerda cumprimentar outros conhecidos e ser apresentada aos poucos que não conhecia.

Dorner observou-a por um momento desde o limiar do salão antes de se dirigir a dois oficiais que estavam junto da base da larga escadaria que ascendia até uma galeria sobranceira ao salão.

Acenou-lhes com a cabeça ao aproximar-se. Um era o ajudante com quem trabalhava no seu gabinete na Abwehr, o serviço de informações militar. O outro homem, o General von Tresckow, usava na gola os alamares de fundo vermelho de um oficial do estado-maior general. Embora ainda não tivesse quarenta anos, o seu cabelo tinha diminuído, arruinando as suas bonitas feições.

— Boa-noite, meu general. — Dorner fez uma ligeira vénia.

— Dorner, que bom vê-lo de novo — replicou von Tresckow. — Diga-me, reconheço a cara daquela mulher. Aquela com quem veio.

— Imagino que sim, meu general. É uma atriz. Ou pelo menos era. Gerda retirou-se da indústria do cinema há uns anos.

— Ah! *Essa* Gerda! Mas eu pensava que ela era loura.

— E era, nessa altura. Mas o castanho é a sua cor natural.

O general fitou o grupo, que agora se tinha organizado em volta de Gerda quando esta começou a exercer o seu encanto magnético sobre a sua audiência.

— Loura ou morena, é uma mulher de bela aparência. Sorte sua.

— Sim, sorte minha. — Dorner ergueu o copo, deu um gole e, avançando um passo, interpôs-se entre o seu superior e Gerda antes de continuar. — Então, general, depois da Polónia, o que tem o estado-maior planeado para a Frente Oeste?

Von Tresckow riu-se e abanou o dedo.

— Não estou autorizado a dar nenhuns pormenores, meu amigo. Mas digamos apenas que os nossos amigos franceses e britânicos vão ficar em choque quando chegar a altura...

O general começou a enaltecer a superioridade das armas e da táctica germânicas sobre as do inimigo, mas a atenção de Dorner vacilou quando os seus pensamentos regressaram a Gerda. Não bastava que ela estivesse ali para lhe aquecer a cama, quando o seu desejo exigia satisfação. Era um homem ciumento, e não conseguia tolerar a ideia de a partilhar com mais alguém. Era verdade que eram ambos casados, mas ela garantira-lhe que já não dormia com o marido, um advogado nazi. Pela sua parte, Dorner casara jovem com uma rapariga encantadora oriunda de uma família que possuía uma grande propriedade no sopé das montanhas Harz. Mas ela revelara-se maçadora. Certamente quando comparada com uma antiga estrela de cinema como Gerda. E residia aí o problema. Ele poderia optar pelos confortos proporcionados pela riqueza da sua mulher, ou pela sofisticação de Gerda. Mas ele queria ambas as coisas.

À medida que chegavam mais convidados, o salão ficou demasiadamente cheio de gente e era difícil manter uma conversa acima da algazarra crescente. Começou a ouvir-se música vinda de um gramofone na galeria, um tema animado por uma antiga cantora de cabaré ainda tolerada pelo partido.

Ao fim de algum tempo, o general esgotou a sua conversa fiada e a voz, e afastou-se para ir buscar outra bebida.

O ajudante de Dorner revirou os olhos.

— Achei que nunca mais acabava. O homem não imagina para que servem as reuniões sociais. Quem o convidou?

— Não faço ideia, Schumacher. Mas não tenciono que me importune mais. Se ele voltar, mantenha-o ocupado. Há alguém com quem preciso de falar.

— A sua amiga Gerda? Se fosse a si, não deixaria isso para muito tarde. — Schumacher fez um aceno para trás do seu superior.

Dorner virou-se, e os seus olhos rapidamente se fixaram na outra extremidade do salão, onde vários pares estavam a dançar ao som da música. Gerda encontrava-se entre eles, com os braços em volta de um jovem esbelto com um paletó de veludo, ambos comprimindo o corpo contra o outro. Ela olhou para Dorner por cima do ombro do homem e beijou o pescoço do seu par. Ele apertou-a ainda mais e a sua mão direita deslizou do ombro para a cintura.

— Maldita seja... — rosnou Dorner. Entregou o copo vazio ao seu ajudante e encaminhou-se por entre a multidão em direção a ela. Afastando-a do homem com um puxão, agarrou-a pelos braços e inclinou-se para lhe falar ao ouvido. O parceiro de dança permaneceu a dois metros de distância, incerto quanto a como reagir. Quando os dois continuaram a conversar tensamente, ele retrocedeu para a multidão de convidados da indústria do cinema. Pouco depois, Gerda libertou-se e correu para o átrio. Dorner olhou ferozmente para ela e depois seguiu-a.

Ao mesmo tempo, von Tresckow regressava à base das escadas, garrafa de champanhe numa mão e taça na outra.

— Oh, para onde foi o Dorner? Tinha mais coisas que lhe queria contar.

— Acho que ele decidiu ir-se embora cedo, meu general. — Schumacher ergueu a sua taça na direção do átrio, e ambos os homens ficaram a olhar enquanto Gerda vestia o casaco e voltava a calçar as botas.

Dorner dirigiu-se-lhe com ar sincero, mas ela enxotou a sua tentativa de lhe pegar na mão e virou-se para abrir a porta. Dorner cerrou os punhos e agarrou no casaco e no chapéu antes de sair atrás dela, deixando a um criado a tarefa de fechar a porta.

— O que foi aquilo? — perguntou von Tresckow.

— Não sei bem, meu general. — Schumacher levantou a taça e bebeu um gole. — Mas diria que há sarilhos a fermentar esta noite...

...

GERDA DESATOU A CORRER PARA PÔR ALGUMA DISTÂNCIA ENTRE SI E Dorner, quando ele saiu da casa. As suas botas rangeram sobre uma fina camada de neve recente que caíra enquanto tinham estado na festa. O céu estava límpido e as estrelas cintilavam nitidamente contra uma escuridão aveludada.

— Espera! — gritou ele. — O que achas que estás a fazer? Gerda!

Ela ouvia-lhe as passadas à medida que ele avançava rapidamente. Tinha atingido o fim da rua quando ele lhe pegou no braço, obrigando-a a parar e voltar o rosto para ele. Viu a fúria da sua expressão quando ele comprimiu os lábios, formando um traço estreito.

— Como te atreves a humilhar-me desta forma? — murmurou ele em voz baixa e eivada de fúria. Ela conseguia sentir o cheiro a *brandy* no seu hálito.

Soltou uma pequena gargalhada.

— Como me atrevo? Quem diabo achas tu que és? Ofereci-te o meu coração. Disse que renunciaria a tudo para estar contigo. Deixaste-me acreditar que sentias a mesma coisa.

— Nunca te prometi nada.

Ela fitou-o e abanou a cabeça, com tristeza.

— Karl, não passas de um mentiroso e de um trapaceiro. Tal como a maior parte dos homens que conheci. Seduziste-me e encorajaste-me a fazer planos para um futuro que nunca tencionaste partilhar. Desprezo-te...

Ele moveu-se tão velozmente que o golpe a apanhou de surpresa. Atingiu-a na face com as costas da mão, fazendo as ondas de choque percorrer-lhe o pescoço. Faíscas brancas saltaram-lhe diante dos olhos e ela cambaleou, sentindo o sabor a sangue na boca.

— Canalha...

Ele imobilizou-se, aparentemente contrariado pela sua perda de controlo. A sua expressão alterou-se um instante antes de abanar a cabeça.

— Gerda... perdoa-me.

— Mantém-te afastado de mim! — gritou ela, recuando. Ergueu uma mão enluvada e espetou um dedo direito a ele. — Acabou. Acabámos, estás a ouvir?

— Não, meu amor. Não acabou. — Ele avançou para ela com um sorriso pesaroso, de braços abertos para a abraçar. — Lamento imenso. Perdoa-me.

— Não! Se te aproximares mais, vou gritar como uma possessa. A sério. E quando aparecer gente, direi que me atacaste. Que tentaste fazer-me mal.

Ele deteve-se, alarmado.

— Não farias isso.

— Experimenta e vê — disse ela, em desafio. — Então toda Berlim saberá que género de homem és.

— Por favor. Não faças isso.

Gerda olhou com desprezo para ele, depois retrocedeu alguns passos antes de se virar e caminhar rapidamente em direção à estação da Papestrasse, ali perto, para tomar um caminho mais direto para casa, agora que não estava com Dorner. O coração batia-lhe com força e a cara doía-lhe do golpe. Se tivesse deixado uma nódoa negra, ia ter de pensar numa forma de a explicar ao marido quando voltasse a casa. Não que ele fosse avesso a sujeitá-la ao seu próprio tratamento de nódoas negras, refletiu ela com amargura.

Não ouviu qualquer ruído de alguém a segui-la, nenhum grito do seu amante a pedir-lhe para parar e mudar de ideias. A cada passo, o seu ressentimento pela falta de vontade de Dorner lutar por ela crescia. Mesmo quando ela o tinha repreendido, quase esperara que ele tentasse demovê-la. Na verdade, ela queria estar com ele. Só ele. E precisava que ele a quisesse de volta. Razão pela qual tentara provocar-lhe ciúmes na festa.

Continuou ao longo da larga avenida que a conduzia em direção à estação, passando ocasionalmente por outros transeuntes ainda fora de casa naquela noite glacial; vultos escuros, encolhidos no interior dos seus casacos, destacavam-se contra o fundo indistinto de neve e gelo. Quando ela se aproximou da entrada da estação, viu o clarão vermelho de um cigarro na sombra do arco que dava acesso ao pátio de um comerciante. Instintivamente, tentou distanciar-se do fumador. Então, uma voz rouca dirigiu-se a ela.

— Quanto?

Ela ignorou-o e apressou o passo. Faltava-lhe ainda percorrer quase cem metros para chegar à estação, e com uma onda de pânico, percebeu que não havia ninguém à vista de ambos os lados da rua. Amaldiçoou Dorner por não ter vindo atrás dela.

Ouviu um leve tossicar atrás de si, e, ao olhar para trás, viu o brilho difuso da ponta de um cigarro quando o homem deslizou para fora do abrigo do arco e começou a segui-la. Alongou a passada, mas quando chegou a meio caminho da estação, olhou novamente e viu que ele se aproximara. O medo apoderou-se dela e desatou a correr ao ver um homem de uniforme emergir da entrada da estação.

— Eh! — chamou ela, acenando com a mão enquanto corria. — Você aí!

O homem fardado saiu para a rua para ir ao seu encontro. Pôde ver que era um revisor dos comboios.

— Menina? Qual é o seu problema?

— Está ali um homem. — Apontou para o fundo da rua. Mas não havia lá ninguém, nem sequer o brilho denunciador do cigarro.

— Que homem? — perguntou o revisor.

— Estava ali. A seguir-me.

— Não consigo ver ninguém. — O revisor fitou-a. — Tem a certeza, menina?

— Eu... — Gerda inspirou profundamente. — Deixe lá. Não interessa.

— Não se preocupe, menina. — Ele riu-se. — Acontece com frequência numa noite escura. As pessoas imaginam toda a espécie de coisas. Acredite em mim.

— Não imaginei — ripostou ela. — Desculpe-me.

Ela passou por ele atabalhoadamente e entrou na estação, dirigindo-se à sala de espera na plataforma dos comboios que iam para Anhalter. Os restos de uma fogueira incandesciam na grade de ferro e a sala estava agradavelmente quente. Os únicos outros ocupantes eram um homem gordo com roupa de trabalho e uma mulher magra, de aspeto frágil, que Gerda presumiu ser a sua esposa. Trocaram um breve aceno, mas nenhuma palavra. Gerda olhava constantemente pela janela para a plataforma, mas não havia sinal nenhum do homem que a tinha seguido.

Após dez minutos, o comboio entrou na estação e os três saíram da sala de espera. Enquanto os outros entravam na penúltima carruagem, Gerda dirigiu-se à última e instalou-se num lugar de frente para as traseiras do comboio. Um apito soou e o comboio estremeceu e pôs-se em movimento. À medida que saía da estação com estrépito e entrava na noite, passando pelos subúrbios às escuras de Berlim, Gerda acomodou-se no seu lugar e levantou a ponta da persiana da carruagem para espreitar a escuridão. Estava furiosa com Dorner, e jurou reconquistá-lo ou então vingar o seu orgulho ferido. Ouviu-se um clique e sentiu-se uma rajada de ar frio antes de a porta da carruagem se voltar a fechar. Ela soltou a ponta da persiana, virou-se e viu que tinha entrado um homem na carruagem e que se aproximava dela. Arregalou os olhos ao reconhecê-lo.

— Você...



Capítulo Um

20 de dezembro de 1939

O casal, que aparentava estar nos seus quarenta e muitos, encontrava-se esparramado nas cadeiras diante da caldeira de aquecimento, na maior das duas salas do seu apartamento. Há vários dias que estavam mortos, e a sua pele do rosto estava branca, com um brilho de mármore opaco como pérola. Quase nus, encontravam-se ambos reduzidos a uma camisola interior encardida e cuecas. O resto das suas roupas estava espalhado em redor das cadeiras de madeira. Na fornalha havia apenas cinzas e o ferro forjado estava gelado ao toque. O ar na sala já era gelado quando o primeiro polícia a chegar ao local abrija a porta a pontapé. Ficara ainda mais frio quando a janela fora apressadamente aberta para dispersar quaisquer fumos tóxicos que ainda houvesse no pequeno apartamento.

O Sargento Kittel perfilou-se ao lado da caldeira. Apesar do seu sobretudo completamente abotoado, das luvas e do cachecol, estava com frio, e bateu as botas para manter os pés minimamente aquecidos. Estava também impaciente, e puxava constantemente de um relógio de bolso e olhava para os ponteiros. O único ruído na sala era o tiquetaque de um relógio numa estreita prateleira acima da caldeira de aquecimento. Os ruídos da rua eram abafados pela neve densa no solo. Ele conseguia ouvir as conversas dos outros residentes, lá fora, nas escadas e no patamar do bloco de apartamentos. Com um suspiro que soltou uma nuvem de vapor, foi até à abertura que dava para o átrio estreito e passou pela porta do apartamento estilhaçada no sítio onde existira a fechadura. Outros dois polícias estavam do lado de fora da entrada para o apartamento, e, para além deles, Kittel pôde ver um amontoado de rostos curiosos no patamar.

— Denicke! Manda embora aqueles idiotas de pescoço esticado! Não

há nada que ver aqui. — Fez menção de se afastar e deteve-se. — Não, espera. Mantém a porteira cá. O resto deve ir para casa e manter-se quente.

O polícia assentiu, mas antes que pudesse cumprir as suas ordens, o seu superior falou novamente.

— Ainda não há sinal dos investigadores criminais?

— Não, meu sargento.

— Hmm. — Kittel resmungou com irritação. Virou-se para outro polícia fardado. — Vai até lá abaixo à entrada e fica à espreita. Assim que o oficial da Kripo chegar, trá-lo para aqui imediatamente. Antes que morramos todos congelados.

Enquanto Denicke sacava do cassetete e fazia recuar com um gesto a pequena multidão, o seu colega espremia-se por entre as pessoas do patamar e abria caminho através dos quatro lanços de escadas até ao rés do chão. Kittel compôs uma expressão carregada no rosto quando desafiou os outros inquilinos a continuarem no patamar e ficou satisfeito por ver que nenhum deles ousou olhá-lo nos olhos enquanto se afastavam e se encaminhavam para os seus apartamentos. Era bom vê-los responder tão docilmente à autoridade. O poder do Estado não devia ser questionado se era para garantir a vitória na guerra.

Não como da última vez, refletiu o sargento. Servira nos últimos dois anos da Grande Guerra antes de voltar para o caos político que tinha tomado conta de Berlim. Os vermelhos faziam distúrbios nas ruas, exigindo revolução. Bem, os soldados que regressavam da frente em breve haviam acabado com esse disparate. Ele fizera parte dos bandos armados que tinham feito frente aos comunistas e os tinham espancado e matado a tiro para restaurar a ordem na capital. Desta vez, não haveria facadas nas costas. Além disso, a nova guerra era como se já tivesse terminado. A Polónia fora esmagada, e era apenas uma questão de tempo até que a França e a Grã-Bretanha vissem a futilidade de outro conflito quando a sua causa tivesse deixado de existir. A Polónia tinha desaparecido, engolida pela Alemanha e pelo seu aliado russo. Porém, se os franceses e os britânicos decidissem realmente ir para a luta, então a vitória da Pátria estava longe de ser certa.

Kittel encolheu os ombros com indiferença e esfregou as mãos uma na outra. Fosse qual fosse o curso de ação que os governos da Europa decidissem, por enquanto existia um estado de guerra. Era dever de todos os oficiais na Alemanha garantir que a disciplina era mantida.

Quando regressou à sala de estar, olhou para a modesta habitação. O apartamento era típico do género em que as famílias de trabalhadores mais

pobres moravam, no bairro de Pankow. Havia uma sala de estar com uma cozinha minúscula à entrada. Uma casa de banho com uma retrete e uma banheira de zinco. Dois quartos. O maior apenas tinha espaço para duas camas de solteiro, que estavam perfeitamente feitas e limpas. Na mesma prateleira do relógio havia uma fotografia numa moldura prateada de um casal sentado com um par de jovens de uniforme de pé atrás deles. Os quatro ostentavam uma expressão formal e solene, típica dos retratos de família.

Por um momento, o coração do sargento amoleceu com a ideia de que os dois soldados em breve iriam receber um telegrama a informá-los da morte dos pais. Era essa a ironia de um tempo em que tinham ido enfrentar o perigo de balas e bombas e ficado incólumes, enquanto os seus, em casa, tinham morrido.

As únicas outras fotografias emolduradas no apartamento eram simplesmente de uma cabana de madeira contra um fundo de montanhas cobertas de neve, e o ubíquo retrato do Führer, de mão na anca e inclinado para diante enquanto olhava inescrutavelmente para fora da imagem.

Kittel ouviu um carro a aproximar-se na rua. Atravessou até à janela aberta e viu o tejadilho e o capô pretos de um dos carros da frota da polícia reservados para oficiais. A porta do passageiro da frente abriu-se e um homem de casaco cinzento-escuro e chapéu preto de feltro deslizou para o pavimento. Curvou-se para dizer qualquer coisa ao motorista, depois fechou a porta e virou-se, levantando os olhos para o bloco de apartamentos e revelando o rosto esguio. O seu olhar cruzou-se com o do sargento. O polícia que esperava à entrada aproximou-se, e o recém-chegado baixou a cabeça para corresponder à saudação que ele lhe dirigiu. Foi encaminhado para a entrada do bloco e ambos os homens cruzaram o pavimento e desapareceram de vista.

O oficial da Kripo levou mais tempo a subir as escadas do que Kittel antecipara, e notou, assim que o investigador criminal atravessou o pátio e entrou no apartamento, que ele coxeava ligeiramente. A respiração era ofegante, também. Tal como os outros polícias, envergava um casaco grosso, cachecol, chapéu e luvas, mas havia na sua atitude uma frontalidade profissional quando tirou o cordão que lhe pendia do pescoço e apresentou o seu crachá metálico. Um lado representava uma águia empoleirada numa suástica e rodeada por uma coroa de folhas de carvalho. Na parte de trás, tinha gravados a palavra *Kriminalpolizei* e o número de identidade do portador.

— Inspetor Criminal Schenke, esquadra de Pankow — anunciou o

recém-chegado, inclinando brevemente a cabeça. O sargento respondeu do mesmo modo enquanto avaliava o outro de alto a baixo. O inspetor tinha ombros largos, embora o corpo, sob o grosso casaco, parecesse magro. O rosto esguio poderia ter pertencido a um homem com uma idade compreendida entre os vinte e muitos e os quarenta.

— Sargento Kittel, esquadra de Heinesdorf.

— Escolheu uma manhã fria para me chamar, sargento. — Schenke esboçou um sorriso apertado, sugerindo que não era desprovido de humor. — Mas, agora, com este tempo, todas as manhãs são frias.

O inverno tinha atingido duramente Berlim. A temperatura caíra abaixo de zero havia uma semana e continuara a cair nos dias que se seguiram. O tempo implacável fora acompanhado por uma tempestade que deixara a cidade coberta com uma camada de neve de mais de vinte centímetros. Alguns jornais já informavam que tudo indicava que ia ser um dos invernos mais frios em muitas décadas. Mau no melhor dos tempos, pensou Schenke, mas com uma guerra em marcha, o duro inverno somava-se aos desafios do racionamento, à escassez de carvão e à escuridão que consumia a cidade assim que o Sol se punha.

Desde o final da tarde até ao amanhecer do dia seguinte, as ruas eram engolidas pela noite, e os berlinenses eram obrigados a tatear o caminho até ao seu destino. À parte os inconvenientes, havia o perigo de colisão com veículos, de tropeçar no lancil ou cair pelas escadas abaixo. A escuridão, contudo, proporcionava oportunidade para alguns; era menos provável que as prostitutas, por exemplo, chamassem a atenção e as injúrias da polícia ou das patrulhas da Juventude Hitleriana. Oferecia também cobertura para atividades mais sinistras. Os roubos, assaltos e homicídios tinham aumentado significativamente desde o início da guerra, havia apenas quatro meses. Todas as noites, a capital transformava-se num lugar escuro e perigoso e aqueles que se aventuravam nas ruas olhavam cautelosamente em volta com medo da violência que os poderia atacar de qualquer viela ou portada mais recôndita.

— O que temos aqui? A única coisa que me disseram foi que tinha alguns corpos.

— Sim, senhor. Dois. Rudolf e Maria Oberg. Por ali. — Kittel afastou-se para deixar o inspetor entrar na sala de estar, e depois seguiu-o. Tomaram posição, um de cada lado do aquecimento, e encararam os cadáveres. Schenke olhou de um para o outro, depois para as roupas no chão e o resto no pequeno quarto.

— Que informação tem até agora?

O sargento tirou o seu bloco de notas, atrapalhou-se para o abrir com os dedos enluvados e depois falou a partir dos seus rabiscos.

— Um vizinho foi ontem à esquadra informar que o Oberg não tinha ido trabalhar durante a última semana. Os dois estão no mesmo turno da fábrica da Siemens. A mulher do vizinho é a porteira. Tenho-a lá fora à espera. Ela bateu à porta ontem, mas não obteve nenhuma resposta, por isso o marido foi ver-nos. O chefe da esquadra mandou-me a mim e aos rapazes hoje logo pela manhã para averiguar o que se passava. Quando ninguém respondeu, experimentámos a porta e encontrámo-la trancada. Dei ordem para a arrombar. Encontrámos os Oberg tal como os vê agora.

Schenke inclinou-se para diante a fim de examinar os corpos mais de perto.

— E decidiu envolver a Kripo? Porquê?

Kittel ergueu um sobrolho e indicou as roupas espalhadas pelo chão.

— Se isto não é suspeito, então o que será, senhor? Quem é que tira a roupa com temperaturas como esta?

— Certo. A janela estava aberta quando entraram no quarto?

— Não. Não estava fechada no trinco, mas presa com o gelo. Precisou de um empurrão para se soltar. A minha primeira ideia foi que eles pudessem ter sido subjugados pelos fumos da caldeira. Já foi reportada mais do que uma morte destas desde que o inverno começou.

Schenke olhou de relance para ele.

— Mas...?

— Mas a pele deles está maioritariamente branca, e há sinais de queimaduras de gelo nos dedos e nos pés. Se tivesse sido o fumo, teriam uma cor avermelhada nas maçãs do rosto.

— Pois sim. — O inspetor agachou-se entre as duas cadeiras e examinou a mulher primeiro. Tinha cabelo escuro e enrolado num coque, e estava corcovada, de maneira a que pequenos rolos de pele se formassem sob o maxilar. Tinha os olhos fechados e a sua expressão era pacífica, como se tivesse adormecido. O marido, pelo contrário, estava sentado a direito, com os braços apertados em volta dos joelhos nus. O resto estava contorcido, lábios repuxados numa careta, olhos cerrados. Uma orla de cabelo grisalho rodeava-lhe o cocuruto, e tinha um corte e uma mancha de sangue seco na parte de trás da cabeça.

— Se não foi o fumo, o que acha que aconteceu aqui, Kittel?

Kittel remexeu-se, pouco à vontade.

Schenke podia ver o desconforto do homem e não tinha qualquer desejo de tornar tudo mais complicado, ao considerar uma linha de investigação difícil. Era o dever de um polícia pensar em todas as possibilidades.

— Deite tudo cá para fora, homem.

— Poderia ter sido um roubo, inspetor. Ainda há alguns ciganos em Berlim. E sabe como eles são. Vermes. Há um bando local que opera a partir do velho depósito da Siemens. Estamos constantemente a lidar com essa ladroagem. Tem havido muitos roubos e assaltos desde que o *blackout* começou.

— É bem verdade — disse Schenke. A Kripo recebera instruções para ajudar a reprimir os roubos. As ordens tinham vindo do próprio Heydrich. O recém-nomeado chefe do Gabinete de Segurança do Reich estava ansioso para provar às pessoas que o regime iria impor a lei e a ordem, eficaz e impiedosamente. — E acha que talvez os ladrões tenham esbarrado no casal, matando-os a ambos e deixando-os assim. Por que razão acha que as vítimas foram despidas?

— Não gostaria de dizer, senhor inspetor.

— Não? Se os nossos ladrões não tivessem vindo cá simplesmente por causa de quaisquer pertences lamentáveis que pudessem levar deste apartamento, e tivessem motivos mais sinistros, poderia esperar que a mulher estivesse despida, certo? Mas não o marido.

Kittel assentiu.

O inspetor tirou o chapéu e alisou o seu cabelo castanho-claro. Era mais fácil agora para Kittel avaliar a sua idade — trinta e poucos, decidiu ele. Não tinha o cabelo cortado à escovinha, à moda dos que serviam no exército ou nas SS, mas bem cortado e com o comprimento convencional. Tinha uma testa larga que fazia com que os olhos escuros parecessem mais profundamente encovados do que eram. O nariz estreito descia até aos lábios levemente curvados para baixo. Voltou a pôr o chapéu e fez um gesto em direção aos Oberg.

— Nem sempre os ataques sexuais se dirigem apenas à mulher, sargento. Temos de manter um espírito aberto, hein?

— Se o senhor o diz, inspetor.

Schenke cruzou os braços e pensou por um momento.

— Temos dois corpos, num estado de quase nudez, e este ferimento na cabeça do homem.

— Que lhe poderia ter sido infligido na luta com os ciganos, ou por seja quem for que fez isto.

— É possível — concedeu Schenke. — Embora dificilmente seja fatal, nem sequer incapacitante. O couro cabeludo está rasgado, mas quase não tem hematoma. Vê? — Observou o ferimento mais de perto e depois olhou em volta da sala, apontando para o chão por baixo da prateleira onde estava o relógio e o retrato de família numa moldura prateada. — Há umas gotas de sangue aqui.

Aproximou-se e examinou a borda de madeira gasta no canto da prateleira. Uma mancha escura chamou-lhe a atenção e ele apanhou uma camisola que estava no chão e esfregou a madeira com o tecido. Este revelou uma mancha vermelho-escura.

— Mais sangue.

Endireitou-se.

— Vamos ver que luz a porteira pode lançar sobre isto. Mande-a entrar.

— Inspetor? — Kittel hesitou. — Trazer um elemento do público para uma cena de crime?

— Ainda não estabelecemos que isto é uma cena de crime. Isso pode mudar, dependendo do que a porteira tenha para dizer.

Quando Kittel saiu da sala, o inspetor foi à janela e examinou o trinco. Estava velho e gasto e a alça encontrava-se solta na moldura, por isso só ao fim de três tentativas conseguiu trancar a janela. Através do vidro manchado, levantou os olhos para o céu cinzento, riscado pelos rastos de fumo saído das chaminés daqueles que ainda tinham reservas de carvão para queimar. Por baixo da neblina, os telhados e as ruas da capital jaziam sob uma grossa camada de neve, que lhe teria enchido o coração de alegria se não fosse a guerra e os dois corpos no quarto atrás dele.

— Inspetor. *Frau* Glück.

Schenke afastou-se da janela e a luz caiu sobre os corpos. A mulher idosa levou a mão aos lábios.

— Que Deus nos salve!

Schenke observou a sua reação por um momento, até se dar por satisfeito com a espontaneidade do choque. Perfilou-se por trás do morto quando se lhe dirigiu.

— Receio que seja demasiado tarde para a salvação de alguns... É a porteira deste prédio?

Ela continuou a fixar de olhos arregalados os cadáveres, ao mesmo tempo que tremia. De frio ou do choque, isso não lhe era possível decidir. Provavelmente de ambos, conjecturou ele.

— *Frau* Glück? — Elevou ligeiramente a voz e ela desviou os olhos

dos corpos e assentiu. — Até que ponto conhecia os Oberg? Eram amigos? Vizinhos com quem se cruzava?

Ela engoliu em seco ao responder.

— Parávamos para falar, de vez em quando. Eu mantenho debaixo de olho quem entra e quem sai daqui. O meu marido é o *Blockleiter*² desta rua. É nosso dever manter as pessoas debaixo de olho.

— É bem verdade. — Schenke lidava com responsáveis subalternos do partido, regularmente. Eram uma fonte de informação útil. Eram também intrometidos e tendiam a utilizar a sua influência limitada para ajustar contas com vizinhos que ficavam do lado oposto ao deles. A sua aversão instintiva aos bisbilhoteiros era alimentada pelas suas dificuldades com o seu próprio responsável de quarteirão, um engenheiro municipal que se tinha tornado nazi apenas há dois anos e estava a fazer todos os possíveis para compensar o atraso em juntar-se aos ideais do partido através de uma fervorosa devoção. Apesar de Schenke não gostar do sistema de informadores de quarteirão, admitia que estes tinham a sua utilidade no que dizia respeito ao fornecimento de informações à polícia. — Ao que parece, o seu marido trabalhava com Oberg?

— Sim... isto é, *Herr Oberg* é que trabalhava para o meu marido. — Endireitou ligeiramente as costas. — Ele é o supervisor do turno, sabe? Foi por isso que ele deu conta da ausência de um dos seus homens.

— E, no entanto, demorou uns dias antes de fazer alguma coisa quanto a isso. Um atraso que poderia ter salvado duas vidas.

Ela abriu a boca, pronta para protestar, e deparou com a expressão ameaçadora nos olhos castanhos do inspetor. Baixou a cabeça.

— O meu marido é um homem ocupado. Tem responsabilidades. Não se pode esperar que esteja em cima de toda a gente.

— Mas esse é precisamente o seu dever como responsável pelo quarteirão. — Schenke inspirou lentamente e deixou a mulher no lume brando do seu próprio desconforto. — Esperemos que *Herr Glück* tome mais cuidado com o seu rebanho no futuro. Os Oberg tinham desentendimentos com os vizinhos? Ou com quaisquer outros da rua? Alguém que poderia ter alimentado algum ressentimento?

— Não que seja do meu conhecimento. Eles eram muito reservados a maior parte do tempo. Mudaram-se para o quarteirão há quinze anos, com

² Os *Blockleiter* eram responsáveis por um bloco de imóveis urbanos, tendo como função principal denunciar elementos não conformes à ideologia oficial ou críticos em relação ao regime. (N. de T.)

os filhos. Uns rapazes tão simpáticos, pensei eu. Sempre bem-educados e respeitosos. Vão ficar destroçados.

— Imagino que sim. — Schenke apertou as mãos atrás das costas. — É tudo, por agora. Se precisarmos de lhe perguntar mais alguma coisa, contactamo-la. Agradeço a sua cooperação, *Frau Glück*.

Ela fitou-o com um misto de surpresa e desapontamento, e estava prestes a falar quando ele indicou com uma breve inclinação da cabeça a entrada do apartamento.

— Pode ir.

O Sargento Kittel esperou até lhe ouvir os passos a descer as escadas antes de falar.

— Inspetor, de certeza que há mais coisas que podemos arrancar a esta.

— O quê, exatamente? Se alguém de aspeto suspeito tivesse entrado no edifício, ela teria vindo a correr dizer-nos. Conheço o género. É suficientemente intrometida para saber a vida de toda a gente da rua. Estou certo de que não nos poderá ajudar mais. Além disso, aqui não houve nenhum crime.

Kittel levantou subitamente as sobrancelhas fartas e fez um gesto na direção do corpo do homem.

— Inspetor, se não foi o fumo que os matou, o que foi então? Homicídio, digo eu. Isto é obra de um perverso doentio, de um degenerado. Foi por isso que optei por chamar a Kripo. É por isso que o senhor está aqui. — Prosseguiu com um leve esgar de desdém. — Vocês é que são supostamente os espertalhões. Aqueles que sabem mais do que o resto de nós. Se não conseguem perceber um crime quando têm provas de um à frente do nariz, então que utilidade têm para a força de polícia, e para o Reich?

Schenke obrigou-se a não reagir. A maior parte dos oficiais e agentes da Kripo ainda se viam a si próprios como profissionais que estavam acima da política. Era uma atitude que não os tornava queridos aos olhos de muitos na força policial da capital que apoiavam o partido e o seu líder. Desde que tinham chegado ao poder, os nacional-socialistas haviam começado a ver-se livres daqueles oficiais de polícia que não tinham querido abraçar a sua ideologia. Mas a experiência e a competência da Kripo fora duramente conquistada, e os seus oficiais tinham-se revelado mais difíceis de substituir. Dito isto, até mesmo as capacidades lendárias do seu antigo comandante, o Dr. Bernard Weiss, não tinham bastado para o salvar. O facto de ele ser judeu superou todo o seu brilho e a longa lista de sucessos que

obtivera contra os criminosos da capital. Agora Schenke via-se, ele próprio, confrontado por um dos apoiantes do partido. O género de homem que desdenhava dos intelectuais e ficava satisfeito por ver os seus ideais esmagados pelo novo regime. Mais valia não confrontar a política de Kittel. Seria melhor pura e simplesmente invocar a patente.

— Sargento, não perca a cabeça. Sou seu superior e vai respeitar isso. Não vou tolerar insubordinações de ninguém. E digo-lhe que não foi cometido nenhum crime. — Virou-se para os corpos. — Tem razão quando diz que as mortes não foram causadas por fumos. Mas está enganado em relação a todos os outros aspetos. Não há qualquer sinal de roubo. Nem um único indício de procura de valores. E uma das primeiras coisas que um ladrão teria tirado seria a moldura da fotografia. Não, não a do Führer. A de prata, junto do relógio. Não há qualquer vestígio de assalto.

Kittel bufou.

— Mas o corte na cabeça...

— ... é o resultado de uma queda. Sem dúvida causada quando *Herr* Oberg estava num estado de delírio antes de morrer. Talvez quando estava a rasgar e a arrancar a roupa.

— Agora está a dizer um disparate completo, inspetor. Que género de pessoa iria tirar as roupas com este tempo gélido?

— Alguém a morrer de hipotermia. — Schenke olhou para um corpo e depois para o outro com uma expressão de piedade. — Eles morreram do frio. Não há combustível na fornalha. É provável que tenham queimado o que lhes restava de carvão alguns dias antes. Veja o ferrolho daquela janela, ali; não serve para nada. Atrevo-me a dizer que está solta e ora abre, ora fecha há algum tempo. É provável que Oberg tenha tentado prender a janela quando estava num estado de confusão devido ao frio. Por vezes, não muito antes do fim, os moribundos sentem que estão a arder e por isso despem-se. É claro que isso apenas apressa o fim, como foi o caso aqui. E se a temperatura permanecer tão baixa por muito mais tempo, vamos ver mais casos destes.

Levantou-se e fez um aceno de assentimento.

— Foi o frio, sargento. Não foram ladrões, nem ciganos. Só o frio. Isto não é trabalho para a Kripo. Terá de escrever o relatório. E, da próxima vez, espero que pense duas vezes antes de nos chamar.

Inclinou a cabeça numa despedida e o polícia recuou para o deixar passar, retesando-se para erguer o braço.

— *Heil...*

Mas Schenke já tinha saído, apressando o passo para evitar qualquer troca das saudações que o partido tinha introduzido. Elas surgiam-lhe sempre como vulgarmente teatrais, como muito do aparato nacional-socialista que se esforçava por obter drama e espetáculo a fim de excitar os seus seguidores.

Enquanto descia as escadas, franziu o sobrolho. Quando estivesse de volta ao seu gabinete na esquadra, teriam sido desperdiçadas mais de duas horas. Tempo que ele poderia ter passado a tratar da investigação corrente sobre uma rede de falsificadores de senhas de racionamento. Tudo porque o sargento queria um bom pretexto para atingir os ciganos que permaneciam no bairro. Ao fundo das escadas, passou pela entrada do apartamento da porteira. *Frau Glück* estava à porta. Tocou na aba do chapéu e saiu para a rua luminosa.

Apesar de o céu estar carregado, o brilho da neve obrigou-o a enrugurar os olhos. O motorista tinha deixado o motor a trabalhar, contra os regulamentos de poupança de combustível, a fim de manter o aquecimento do carro ligado. Schenke deslizou para o lugar do passageiro sem comentários, grato pelo calor no interior do veículo. Quando o motorista engatou a mudança para o *Opel* arrancar, o inspetor lançou um último olhar à fachada cinzenta do bloco de apartamentos. A porteira saíra da porta de casa para se perfilar na entrada do prédio, e os seus olhares cruzaram-se. Não poderia ter a certeza, mas pensou que havia um toque de culpa na sua expressão. Bem que deveria haver. Um terrível inverno abatera-se sobre Berlim. Era dever de todos os habitantes da capital cuidar uns dos outros nos dias glaciais que aí vinham. Se nada mais tivesse sido conseguido na sua inútil saída, Schenke esperava que *Frau Glück* e o seu marido cuidassem melhor dos vizinhos.

— Outra vez para a esquadra, inspetor?

— Sim. E vá devagar. Há gelo nas ruas.

Não faria sentido acrescentar novos nomes à lista das vítimas reclamadas por aquele inverno aspérrimo, pensou Schenke. Absolutamente nenhum sentido.



Capítulo Dois

A secção da Kripo na esquadra de Pankow tinha um modesto corpo de menos de dez homens sob o comando de Schenke, quatro dos quais estavam ainda em formação ou a cumprir o período probatório antes de serem considerados aptos. Havia também duas mulheres, cujos deveres incluíam lidar com crianças e mulheres vulneráveis envolvidas nas investigações. Em circunstâncias normais haveria mais seis investigadores, mas a emergência da guerra tinha exigido a transferência de homens dos deveres de tempo de paz. Os gabinetes da secção eram no piso cimeiro do edifício da esquadra, dando para o pátio onde havia garagens, oficinas, armazéns e um pequeno bloco de casernas. Ficava no final de três lanços de escadas, e Schenke fez uma careta quando iniciou a subida, protegendo a perna debilitada. Embora o acidente de carro que quase o matara tivesse sido há mais de seis anos, o seu joelho esquerdo continuava rígido e doloroso, especialmente durante os meses frios e húmidos do inverno. Conseguia andar sem dificuldade, mas subir escadas ou fazer qualquer tentativa de correr mais do que uma centena de metros provocava-lhe uma dor lancinante na articulação. Havia sido o bastante para o tornar inapto para o serviço militar.

Isso fora um motivo de vergonha para ele, uma vez que muitos dos seus colegas tinham sido recrutados para servir a Alemanha na recente guerra com a Polónia. Com sorte, a paz regressaria em breve ao continente, os homens retomariam as suas antigas ocupações e Schenke não teria de ter sempre presente a sua incapacidade de contribuir para o esforço de guerra do Reich.

Deteve-se no cimo das escadas, olhou de relance para o corredor para se certificar de que estava sozinho e curvou-se para massajar os músculos

em volta do joelho, aliviando a rigidez e a dor. Endireitando-se, obrigou-se a caminhar a passos largos até à entrada para os gabinetes da Kripo e entrou numa sala com dez metros de comprimento por quatro de largura. Havia uma fila de secretárias de cada lado, formando pares umas em frente às outras. Na parede oposta à porta via-se uma linha de janelas, cujos vidros estavam embaciados devido à condensação e cobertos por pedaços de gelo do lado de dentro. Havia quadros de avisos pendurados ao longo da parede lateral. Menos de metade do seu pessoal estava à secretária, e todos levantaram os olhos quando ele entrou. O resto encontrava-se de folga. Noutros ramos da força policial ter-se-iam posto de pé à entrada de um oficial superior, mas os homens e mulheres que pertenciam à Kripo eram profissionais à paisana e ficavam contentes por poder saltar essas formalidades e prosseguir o seu trabalho.

O segundo homem na cadeia de comando, o Sargento Hauser, um polícia veterano com quase trinta anos de serviço, rodou a sua cadeira para encarar Schenke. Tinha uma compleição robusta desde os seus tempos de boxe no exército, e o seu cabelo cortado à escovinha parecia ter sido polvilhado com pimenta em redor do cocuruto.

— Tem um novo caso para nós, inspetor?

Schenke abanou a cabeça.

— Felizmente, não, Hauser. Nada de suspeito. Uma quase total perda de tempo, na verdade.

— Quase?

— Deu-me a oportunidade de ensinar um dos rapazes de farda a não desperdiçar o nosso tempo.

Hauser sorriu. Havia sempre uma tensão nas relações entre investigadores criminais e a polícia de giro, conhecida como a Orpo.

Schenke tirou o casaco e dobrou-o sobre o braço, mas conservou o chapéu e o cachecol.

— Alguma novidade do laboratório técnico sobre as senhas de racionamento que encontramos no armazém do Oskar?

— Claro. — Hauser virou-se para a sua secretária e alcançou uma pasta amarelada. — Isto chegou enquanto esteve fora. Só tive tempo de olhar para o sumário. Mas parece ser de leitura interessante.

— Leve-o para o meu gabinete. Dar-lhe-ei uma vista de olhos enquanto tomo café. — Schenke chamou a atenção do membro mais recente da secção, um jovem gorducho de cabelo louro lustroso e puxado para trás. — Brandt!

O jovem levantou-se.

— Inspetor?

— Café para mim e para o Hauser. Imediatamente.

Brandt assentiu e apressou-se a sair do gabinete e a dirigir-se para a sala do pessoal ao fundo do corredor.

— Azucrina sempre o miúdo. Porque não pedir a uma das raparigas?

— murmurou Hauser.

— Acabou de sair de Charlottenberg e precisa de cumprir as suas obrigações. Como nós os dois fizemos.

Schenke olhou para as duas secretárias onde as suas funcionárias do sexo feminino se sentavam. Frieda Echs estava na casa dos quarenta e tinha uma constituição robusta. Usava o seu cabelo castanho cortado curto, quase um corte masculino. Do lado oposto sentava-se Rosa Mayer, dez anos mais nova, de cabelos louros e o género de rosto finamente modelado que a fazia parecer uma estrela de cinema. Muitos dos homens da esquadra tinham tentado conquistar a sua afeição, mas ela repelira todos os avanços, dizendo que tinha um pretendente que trabalhava no gabinete privado do Reichsführer Himmler. Estivesse ou não a dizer a verdade, isso servia para garantir que nunca era incomodada mais do que uma vez pelo mesmo homem.

— Além disso — continuou ele —, Frieda e Rosa conquistaram mercedemente o seu lugar aqui no nosso pequeno mundo, em Pankow. Até Brandt completar o seu período probatório, é ele que faz o café.

Hauser encolheu os seus pesados ombros e passou a sua mão grande sobre a cabeça.

— Não era assim antigamente.

— Então é uma vitória do progresso, meu amigo. Vamos lá dar uma vista de olhos a este relatório.

Schenke guiou o outro através da sala até ao cubículo envidraçado na outra extremidade, fazendo um aceno de saudação com a cabeça aos oficiais por que passava ao longo do caminho. Uma placa de metal com o seu posto e nome gravados em letra gótica estava aparafusada à porta. Abriu-a. Havia uma estante com livros e um arquivador encostado à parede oposta à janela; no meio estava a sua secretária, uma relíquia amassada e de aparência gasta, do século anterior. Tinham-lhe oferecido uma outra para a substituir quando ele ocupara o lugar, mas ele recusara, preferindo manter a antiga. Era grande, sólida e tinha o aroma da tradição e bons serviços; era de alguma forma tranquilizadora e imponente. Devido ao seu tamanho,

mal havia espaço suficiente para as duas cadeiras destinadas aos visitantes, colocadas à direita da porta.

Por trás da secretária, um retrato do Führer numa moldura negra e cintilante dominava o gabinete da secção. Ao invés da secretária, não fora um elemento do gabinete no tempo do antecessor de Schenke. Fora pendurado ali depois da chegada de Schenke, por ordem do comandante da esquadra, um homem corpulento que tinha sido nomeado mais por lealdade ao partido do que por qualquer competência reconhecida. Schenke deixara ficar a imagem no lugar e tentara ignorá-la, extraindo algum prazer do facto de estar de costas voltadas para o Führer.

Detendo-se para pendurar o casaco num cabide e descalçar as luvas de pele, sentou-se na sua cadeira e, com um gesto, indicou uma das outras a Hauser.

— Ora então, o que têm os rapazes do laboratório para nós?

Hauser pousou a pasta de arquivo e fê-la deslizar na direcção do seu superior. Abrindo a capa, Schenke leu rapidamente o resumo, depois folheou as páginas seguintes. Quando chegou ao fim, bateram à porta e ele levantou os olhos e viu Brandt do outro lado do vidro, com uma caneca fumegante em cada mão.

— Entre.

O estagiário encolheu-se aflito, até que Hauser, rindo-se entre dentes, lhe rodou o manípulo e abriu a porta para ele entrar. Brandt ruborizou-se e pousou os dois encargos e depois retrocedeu, fechando a porta atrás de si.

— A iniciativa não é o ponto mais forte dele — disse Hauser. — Será um pequeno milagre se chegar a qualificar-se.

— Realmente. — Schenke estendeu a mão para o seu café enquanto ponderava o que acabara de ler. — Parece que o nosso amigo Leopold Kopinski foi mais engenhoso do que nós pensávamos. Aquelas senhas falsificadas que encontrámos em sua casa têm a mesma origem das outras que aparecem por toda a cidade, de acordo com os testes ao pigmento da tinta e com a análise do papel. — Abriu a pasta e tirou de lá as amostras, erguendo-as para um exame atento. Havia uma pequena folha perfurada de senhas azuis para carne e uma roxa para doces e frutos secos, a mais valorizada das senhas emitidas para a população da capital. — São bons... muito bons.

Meteu a mão no casaco e tirou de lá a sua caderneta de senhas, colocando algumas das suas próprias senhas ao lado das duas folhas.

— Não estou certo de que fosse capaz de distinguir as falsas, se não

soubesse. — Lançou um olhar a Hauser. — É tentador meter algumas no bolso e ver se funcionam, hein?

O sargento fez uma careta.

— Claro, se quiser arriscar-se a ser atirado para as celas no Alex durante uns meses, ou enviado para os campos. Foi o que eles fizeram a um falsificador de senhas que a esquadra de Karlshorst apanhou. Não me apetece passar um inverno como este num barracão de madeira. Mas, para dizer a verdade, o trabalho dele parecia feito pelo filho com lápis de cor. O material do Kopinski é muito melhor. Poderia enganar quase toda a gente.

— O que nos traz de volta à questão de saber se isto é trabalho do próprio Kopinski ou se foi comprado a outro gangue de Berlim. Se é trabalho dele, e ele confessar, então podemos cortar o mal pela raiz.

— Temos primeiro de o encontrar — respondeu Hauser. — Ele desapareceu depois do raide.

— Não pode esconder-se durante muito tempo. — Schenke bebeu um gole da caneca e estremeceu ao descobrir que o café ainda estava demasiado quente. — Sabe como é. Alguém o denunciara, não tarda. Por dinheiro ou porque os nossos amigos da Gestapo lhe arrancam a verdade à força. Assim que lhe pusermos as mãos em cima, saberemos até onde estas senhas se espalharam.

— E se descobirmos que ele não está por detrás disto? — inquiriu Hauser.

— Então poderia ser qualquer dos gangues com influência suficiente para forjar senhas desta qualidade e em larga escala. E se a origem não estiver aqui em Berlim? E se for um dos gangues de Hamburgo? Se não é o Kopinski, diria que os nossos problemas estão apenas no princípio. Ou, mais precisamente, estão apenas no princípio para o nosso estimado chefe de departamento. Himmler vai fazer passar o Oberführer Nebe por tempos difíceis.

A nova ordem estava ansiosa por varrer os males da época que se seguira ao final da última guerra. A criminalidade deveria ser esmagada onde quer que surgisse e o governo não toleraria ser embaraçado ao ver o recém-introduzido plano de racionamento minado por falsificações. O destino de Kopinski estava já traçado, quer fosse ele a origem das senhas, quer não fosse. Haveria um rápido julgamento, altamente publicitado, no qual ele seria declarado culpado de crimes contra o povo alemão. Uma vez que a Alemanha estava em guerra, era inevitável uma condenação à morte para servir de exemplo a outros criminosos. E se as senhas falsificadas fossem

obra de outro, então o Reichsführer Himmler ia exigir que Nebe e os seus investigadores encontrassem os responsáveis e pusessem fim ao escândalo. Seria prudente tomar alguma iniciativa desde cedo, refletiu Schenke.

— Muito bem, então, Hauser. Quero que entre em contacto com os gabinetes distritais. Comece com os que estão próximos de Berlim e parta daí em direção às outras cidades maiores. Pergunte às secções da Kripo se já se depararam com falsificações de elevada qualidade. Se sim, eles que nos mandem amostras imediatamente. Pelo menos, isso vai dar-nos alguma ideia da dimensão do problema. Nebe precisará de fornecer esse género de informação a Himmler tão cedo quanto possível.

Hauser esboçou um sorriso irónico.

— E não nos fará mal nenhum termos sido nós quem lhe forneceu os detalhes, hein?

Schenke retribuiu o sorriso.

— Já é altura de a secção de Pankow obter algum crédito pelo nosso trabalho e pararmos de ser tratados como marginais. — Falou com veemência e arrependeu-se instantaneamente disso.

Houve uma pausa embaraçada enquanto ele observava Hauser atentamente, tentando ler a sua resposta. Hauser era membro do partido, mas não mostrara qualquer vontade de aceitar um posto nas SS como alguns tinham feito. Especialmente quando servia sob um comandante de secção que não era nazi. Não era que Schenke se opusesse particularmente ao regime. Era-lhe largamente indiferente, desde que os nazis não interferissem diretamente no seu trabalho. Entrara para a Kripo depois de se formar na universidade, em 1934. Tinha sido uma opção pouco usual para alguém de origem privilegiada, embora de uma pequena família aristocrática, mas tinha paixão pelo seu trabalho e a clareza moral de perseguir aqueles cujo negócio era o crime. Os políticos iam e vinham, mas criminosos haveria sempre. Pelo menos era nisso que ele se habituara a acreditar.

Como tantos alemães, ele vira Hitler e os seus seguidores como uns tipos que gesticulavam como bufões e vendiam óbvias mentiras. Mesmo quando a sua influência se propagara, como bolor numa placa de Petri, era difícil levá-los a sério. Até ser demasiado tarde. Desde então, Hitler tornara-se chanceler e assumira poderes ditatoriais, e o domínio que ele e o seu partido exerciam sobre quase todos os aspetos da vida na Alemanha era como o aperto permanente de uma enorme serpente constritora. A polícia tinha sido varrida como o resto das instituições alemãs, e agora a Kripo também estava sob o firme controlo do partido. Não havia nada que Schenke

pudesse fazer acerca disso. Talvez o preço da ordem social e da reconstrução da Alemanha numa tentativa de voltar a tornar a nação grande fosse a perda de liberdade. Mas desde que eles o deixassem fazer o seu trabalho, sentia-se capaz de reivindicar alguma integridade moral para si e para as suas ações. Era um guardião dos verdadeiros valores do serviço, mesmo se outros não o eram, e, com o passar do tempo, ele acreditava — esperava — que o controlo apertado do partido enfraqueceria e a Alemanha regressaria a uma forma de governo menos chocante. Nessa altura, deixaria de se sentir perturbado pelas suas dúvidas.

Essa era uma visão que partilhava apenas com os seus amigos mais próximos e a família. Ali no escritório, resguardava as suas opiniões, até mesmo de Hauser, que respeitava como colega e profissional. A confiança era um bem escasso na Alemanha, e isso era cada vez mais assim a cada dia que passava. Schenke já conhecera vizinhos que denunciavam vizinhos, até mesmo crianças que denunciavam os próprios pais, e eram glorificados pelo partido por causa disso. A única lealdade que era tolerada pelo regime era a devida ao Führer, ao partido e à pátria. Qualquer outra forma de lealdade era suspeita. Até mesmo Hauser, com quem servira durante mais de quatro anos, poderia ser obrigado a escolher entre o partido e os amigos e camaradas, como Schenke.

— É melhor ir fazer aquelas chamadas para os outros bairros.

— Sim, inspetor. Assim que tiver almoçado. — Hauser levantou-se abruptamente, abriu a porta e esgueirou-se para fora do pequeno gabinete, pegando no casaco e chapéu ao sair para o bloco da cantina.

Schenke soltou um suave suspiro de alívio. O ar da respiração saiu de dentro de si como um frágil fiapo de vapor, e ele sentiu o corpo retrair-se para combater o frio. Indo até ao radiador junto da janela, tocou nele e quase não sentiu um vestígio de calor. Abriu a válvula completamente e ficou encostado às colunas de metal riscado enquanto os tubos de alimentação gorgolejavam e o metal chiava à medida que se expandia. Levantou um punho contra as gotas de gelo nos vidros da janela e desembaciou um pequeno círculo de modo a poder olhar para o pátio e os telhados das casas e lojas que ficavam além dele. Começara a nevar outra vez, flocos brilhantes que desciam a rodopiar do céu cinzento, engrossando o manto que já cobria os telhados e ruas e fazendo rapidamente desaparecer o empedrado do pátio da esquadra lá em baixo, que tinha sido varrido.

— Merda... — murmurou para si mesmo quando se recordou de que tinha um convite para jantar nessa noite no Hotel Adlon, no centro de

Berlim. Não ansiava por ir, apesar da oportunidade que se lhe oferecia para passar mais tempo com Karin. Namoravam há mais de quatro meses, tendo travado conhecimento numa das recepções do departamento que Nebe oferecia. Era típico dos eventos sociais de Berlim — oficiais da polícia, homens de negócios e advogados a acotovelar-se para chamarem a atenção das figuras notáveis do partido enquanto criados de jaquetas brancas serpenteavam por entre a multidão, fazendo oscilar bandejas com bebidas e acepipes. Schenke normalmente saía tão cedo quanto era aceitável. Era uma operação criteriosamente calculada, uma vez que, sendo visto como frequentador habitual, sair cedo acarretava o risco de ser julgado um solitário; ou, pior, alguém que desdenhava de tais reuniões.

Nessa noite em particular, conseguira aproximar-se do bengaleiro quando Karin o abordara de taça de champanhe na mão. Ela era esbelta, nos seus vinte e muitos, supusera ele, e envergava um vestido completamente preto que cintilava com lantejoulas. O cabelo negro exibia um corte curto à altura do pescoço, com uma franja que cortava a direito ao longo da testa, como a estrela de cinema Louise Brooks. Depois de o mirar de alto a baixo, dirigira-se-lhe diretamente.

— É o piloto de corrida, não é?

— Já não — retorquira ele, educadamente. — Hoje em dia sou apenas um polícia. E eu era apenas *um* piloto de corrida, nunca *o* piloto de corrida.

Ela sorria.

— É demasiado modesto. Eu costumava ser uma fã dos Silver Arrows, e você era um dos melhores. Até... — Inclinar a cabeça para um lado e franzira os lábios gentilmente.

— Até ao acidente no circuito de Nürburgring. — Schenke completara a frase por ela.

— Sim, até então. Eu estava lá nesse dia. Você estava apostado em vencer a corrida quando aquilo aconteceu.

A recordação afluía-lhe à mente num instante. O júbilo da velocidade e a perspectiva de vencer. O rugido do motor e a áspera vibração da pista debaixo do carro. A mudança instantânea para a confusão caleidoscópica de árvores, céu, pista — e depois a escuridão. E, posteriormente, a agonia, e os longos meses de lenta recuperação. Sacudira as recordações para fora dos seus pensamentos e respondera num tom seco.

— O que posso eu dizer? Por vezes, um homem esforça-se de mais para vencer. Corre riscos e falha.

— E por vezes é bem-sucedido. — Apontara com a taça para o retrato

do Führer ao fundo do salão. Schenke sentira que ela estava a avaliar a sua reação, e fizera um aceno de assentimento sem se comprometer com uma resposta.

— Por muito que gostasse de ficar a discutir os meus tempos de piloto de corridas, receio que tenha de partir. Amanhã tenho de começar a trabalhar cedo. Peço desculpa. — Fizera menção de se virar para o criado encarregado dos casacos, mas ela estendera o braço e tocara-lhe no ombro.

— Não me perguntou o nome, *Herr Schenke*.

— Perdoe-me, *Fräulein*...?

— Karin Canaris. — Sorrira, e os seus lábios cheios, puxados para trás, haviam revelado dentes impecavelmente brancos. — E agora que estamos apresentados, ficar-lhe-ia grata se ficasse para mais uma bebida.

Fora mais do que uma bebida, recordou Schenke quando voltou para a sua secretária e puxou a pasta para mais perto. Depois daquela noite, começaram a ver-se regularmente. Atraía-o a sua aparência marcante e o humor pronto. Era verdade que ela tinha mostrado recentemente um lado mais carente da sua personalidade, mas ele tinha, de forma otimista, atribuído isso à profundidade dos sentimentos que ela nutria por ele. Sentia que estava a ser conduzido a um relacionamento mais permanente, e sentia-se desconfortável com o facto. Era verdade que Karin era bem relacionada socialmente, uma coisa que poderia ajudar a sua carreira. Contudo, considerava isso um motivo indigno para casamento, e ao mesmo tempo que estava disposto a conhecer a família dela, e arriscar que ela conhecesse a sua, estava preocupado que isso pudesse acrescentar ímpeto ao relacionamento e facilitasse que o rumo deste escapasse ao seu controlo.

Esta noite ele devia conhecer o tio dela, que ficara responsável pela sua educação depois de o pai se ter suicidado com um tiro durante a crise económica dos anos vinte. A sua mãe, uma russa emigrada, abandonara-a e fora para Paris muito pouco tempo depois. O tio era um oficial superior da marinha, que comandava um dos serviços de informações em Berlim. Schenke podia imaginar o género. Um aristocrata prussiano determinado a olhar de cima para o pretendente da sobrinha, oriundo de uma camada inferior da sociedade. Receava que fosse um jantar difícil.

O telefone que estava à sua direita sobre a secretária tocou estridentemente, e ele pôs de lado os pensamentos acerca de Karin e alcançou o recetor.

— Inspetor Schenke.

Uma voz de mulher crepitou.

— É do PBX da esquadra, inspetor. Tenho uma chamada para si.

— Quem é?

— Oberführer Müller das SS, inspetor.

Schenke sentiu uma opressão no peito.

— Müller?

— Sim, senhor inspetor. Devo fazer a ligação agora?

Schenke respirou fundo para se acalmar.

— Sim, claro. Imediatamente.

Ouviu-se um ligeiro estalido e depois uma voz clara interpelou-o:

— Inspetor Schenke?

— Sim, senhor.

— Sou o Oberführer Müller, chefe do Departamento Quatro no Gabinete Central de Segurança do Reich. Fui nomeado em setembro, por isso os nossos caminhos podem ainda não se ter cruzado. Mas chamaram-me a atenção para a sua reputação.

Schenke estremeceu com as possíveis implicações daquele comentário, e houve um breve silêncio do outro lado da linha, como se quem estava a ligar soubesse que a sua escolha de palavras poderia suscitar ansiedade e estava contente por ter produzido esse efeito.

— Tem uma boa folha de serviços, Schenke. Bom trabalho de polícia. Bons créditos para a Kripo.

— Obrigado, Oberführer. — Schenke sentiu-se percorrido por uma onda de alívio.

— Razão pela qual preciso dos seus serviços agora. Houve um incidente, uma questão potencialmente delicada, e preciso de um homem discreto e de confiança para lidar com ela. Você é esse homem, Schenke. Preciso de si no quartel-general o mais depressa possível.

— Sim, senhor.

— Muito bem. Falarei consigo depois.

A linha emudeceu, mas Schenke demorou um pouco para se certificar de que o seu superior terminara a chamada antes de ligar para a receção da esquadra.

— Peça para estar um carro à entrada para o Inspetor Schenke. Imediatamente, por favor.

— Sim, senhor.

Schenke levantou-se da secretária e vestiu o casaco. Perturbada, a sua mente trabalhava a alta velocidade. Que razão poderia haver para o chefe da Gestapo exigir a sua presença imediata no quartel-general?